

SEGURANÇA PÚBLICA/ Apesar da ação efetiva da polícia e queda em crimes contra o patrimônio, brasilienses mostram como a percepção de insegurança segue influenciando deslocamentos, ocupação dos espaços públicos e mudanças de horários

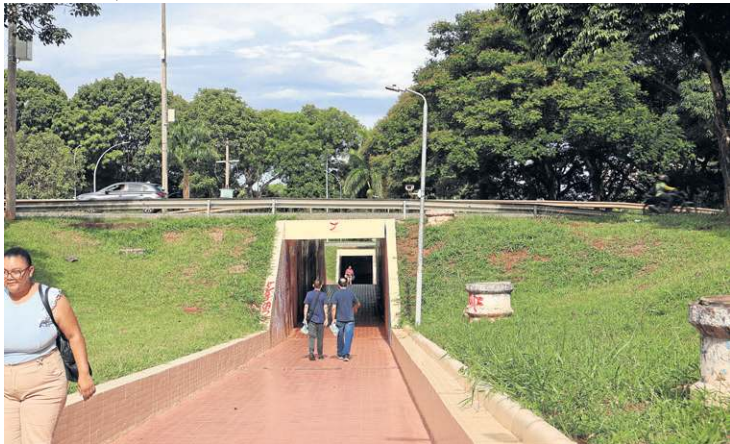
Ed Alves/CB/DA.Press



Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Bruna Gaston CB/DA Press



Esfaqueamento de jovem de 15 anos em Águas Claras expôs preocupação

Moradora do Sol Nascente relata mudança de hábitos para evitar assaltos

Moradores do Plano Piloto se queixam do aumento no número de crimes

Em busca de uma rotina mais segura

» ANA CAROLINA ALVES

Mesmo com a queda nos índices de crimes contra o patrimônio no Distrito Federal, a sensação de insegurança ainda impacta o dia a dia da população. Dados da Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal mostram redução em diferentes ocorrências, como o roubo a transeunte, que caiu 14,9% em 2025 em comparação com 2024, e o roubo em transporte coletivo, com queda de 51,5% no mesmo período. Ainda assim, para muitos moradores, o medo da violência influencia desde os horários de circulação até a forma de ocupar ruas, praças e comércios.

“Tive que pedir para mudar de horário no trabalho depois que fui assaltada”, conta a secretária do Iar Liliâne Costa Nogueira, 34 anos, moradora do Sol Nascente. Ela relata que foi vítima de dois assaltos enquanto se deslocava para o trabalho. O primeiro ocorreu durante a manhã. “Por incrível que pareça, eram dois garotos, os dois menores de idade”, lembra. Dois anos depois, voltou a ser alvo de criminosos. “Colocaram um objeto pontudo na região do meu pescoço e tomaram meu celular que estava dentro da mochila”, relata.

Após a segunda ocorrência, Liliâne diz que precisou mudar o horário de trabalho para tentar se sentir mais segura. Mesmo assim, afirma que a sensação de insegurança continua afetando a rotina. “A gente sai de casa com medo”, diz. Segundo ela, o receio também interfere em momentos de lazer com a família. “Mudaria bastante poder dar uma volta com os filhos sem aquela sensação de que vai ser assaltada”, completa.

A advogada Crystyna Lessa, 57, moradora da Asa Norte, também teve que mudar hábitos após vivenciar uma situação de violência, em 2024, enquanto ela passeava com os cachorros pela manhã e tentou intervir em uma situação envolvendo um casal que consumia drogas embaixo da marquise de um prédio residencial. “Eu falei que ia chamar a polícia e quase apanhei”, relata. Segundo ela, a agressão só não aconteceu porque o zelador do prédio interveio e outros moradores desceram após ouvir os pedidos de ajuda.

Outro episódio ocorrido na região também marcou a moradora: “Uma senhora que estava voltando da academia levou um soco no rosto de um homem, do nada, e foi parar no hospital. Aquilo mexeu muito comigo, porque eu pensei que poderia acontecer com qualquer um”. Desde então, Crystyna afirma que passou a adotar mais cuidados no dia a dia. “Saio de manhã com meus cachorros, mas à noite não saio mais. Até para ir ao mercado aqui perto eu vou de carro”, conta.

Contexto social

Mesmo quem nunca foi vítima direta de violência relata conviver com o medo. Para a publicitária Lara Azevedo Marques, 24, moradora de Águas Claras, a sensação de insegurança está ligada ao contexto do país e às histórias que circulam constantemente. Há um ano, por exemplo, um adolescente de 15 anos foi esfaqueado ao lado do parque da região administrativa em uma tentativa de latrocínio, lançando luz sobre a violência crescente que tem gerado insegurança.

“Apesar de Brasília ser relativamente segura, a gente nunca se sente 100% segura de fato. A gente cresce ouvindo rela-

Ed Alves CB/DA Press



Plataforma DF 360 passou a integrar câmeras públicas e privadas ao sistema da SSP

Queda da criminalidade em números

Números SSP	2025	2024	2023	Queda 2025 x 2024	Queda 2025 X 2023
Roubo a Transeunte	9.073	10.659	12.781	-14,9%	-29,0%
Roubo de Veículo	860	1.018	1.291	-15,5%	-33,4%
Roubo em Transporte Coletivo	111	229	452	-51,5%	-75,4%
Roubo em Comércio	269	378	525	-28,8%	-48,8%
Roubo em Residência	155	156	219	-0,6%	-29,2%
Furto em Veículo	5.771	6.706	7.231	-13,9%	-20,2%

tos de violência, notícias e experiências de outras pessoas, então acaba criando esse sentimento de cautela mesmo sem ter passado por algo”, relata. Para tentar se proteger, Lara diz que adotou uma série de cuidados na rotina, especialmente quando precisa circular sozinha.

Após a morte de Isaac Augusto de Brito Vilhena de Moraes, de 16 anos, durante um assalto na entrequadra 112/113 Sul, em uma praça arborizada entre os pilotis da área nobre de Brasília, em outubro passado, os comerciantes do Plano Piloto têm agido para evitar o pior. Um dono de loja e morador da Asa Norte, que preferiu não se identificar, afirma que precisou adotar medidas de proteção no estabelecimento para tentar garantir mais tranquilidade aos clientes e frequentadores. “Eu precisei colocar grades e câmeras de segurança para me sentir seguro e passar segurança para os meus clientes”, relata.

Segundo ele, a presença de vigilantes também busca transmitir mais conforto ao público, especialmente às mulheres que frequentam o local. “Tenho clientes do público feminino e, às vezes, peço para o segurança acompanhar até o veículo”, diz.

Como mostram os relatos dos entrevistados e os dados da Secretaria de Segurança Pública, a percepção de insegurança nem sempre acompanha os indicadores oficiais de criminalidade. O coordenador do Núcleo de Estudos em Crime, Economia e Justiça (NECrim-Lab) do Ibmec Brasília, Fagner Dias, explica que é comum existir um descompasso entre os indicadores e a percepção da população sobre o risco nas cidades. “Mesmo em períodos de queda de determinados crimes, parte da população continua relatando a impressão de que a cidade está mais perigosa”, afirma.

Para o especialista, a percepção de segurança é influenciada por diversos fato-

res além das estatísticas. “Experiências pessoais, relatos de pessoas próximas, casos de grande repercussão na mídia e sinais de desordem urbana, como iluminação precária ou abandono de espaços públicos, pesam muito na percepção coletiva”, explica.

Dias observa, ainda, que algumas reações da população à insegurança, como a instalação de grades, câmeras e segurança privada, podem ajudar a reduzir oportunidades de crime em determinados locais. “Essas medidas aumentam a vigilância e o controle de acesso e fazem parte do que chamamos de prevenção situacional, que busca dificultar a ação do criminoso no curto prazo”, diz.

De acordo com o pesquisador, mesmo com a queda nos dados do DF, cada ocorrência tem forte repercussão social. “Mesmo com a redução nos indicadores, cada caso envolvendo violência ou grave ameaça gera grande impacto emocional e pode influenciar a percepção de risco da população”, conclui.

O especialista internacional em segurança pública Leonardo Sant’Anna explica que a sensação de insegurança tem impacto direto no comportamento cotidiano, mesmo quando o risco objetivo não é tão elevado. “As pessoas passam a evitar trajetos, horários e alguns locais específicos porque associam aquilo a risco. Às vezes, o risco nem é tão objetivo, mas as notícias e os relatos vão reforçando essa percepção”, pontua.

Como consequência, a permanência em espaços públicos tende a diminuir. O especialista observa ainda que o medo altera os fluxos naturais da cidade e influencia decisões cotidianas sobre onde circular ou consumir. “O medo redesenha os fluxos naturais entre as pessoas”, afirma.

Segundo Sant’Anna, quando a sensação de insegurança aumenta, muitos moradores passam a frequentar locais onde percebem

Divulgação/CEB IPes



Segundo o GDF, 97% dos postes do DF tem iluminação em LED, que inibe mais o crime

Dicas de defesa

- » **Quebra de previsibilidade:** É a principal arma contra o crime. Criminosos observam padrões rígidos de horários e trajetos para escolher alvos
- » **Mudança de hábito:** Alternar caminhos e evitar distrações, como o uso de celular ou fones de ouvido em locais de transição, retira o rótulo de “alvo fácil”
- » **Atenção individual:** Evitar passar por locais escuros, não deixar objetos à vista dentro de veículos e manter portas de residências sempre trancadas
- » **Segurança em camadas:** Unir o cuidado pessoal ao urbanismo preventivo (ruas bem iluminadas e podadas) e à vigilância colaborativa entre vizinhos
- » **Participação ativa:** Contribuir com as forças de segurança por meio de denúncias e manter-se sempre vigilante para tornar o ambiente hostil à criminalidade.

Fonte: Paulo Sérgio, especialista em segurança pública formado pela Universidade Católica de Brasília (UCB) e policial militar aposentado da PMDF

maior vigilância, como centros comerciais e condomínios fechados. Ele cita como exemplo períodos em que episódios de violência provocaram mudanças no comportamento coletivo. “Quando houve arrastões no Rio de Janeiro, por exemplo, muita gente deixou de ir à praia por medo. É esse tipo de mudança que a gente observa”, lembra.

Para o especialista, a redução da presença de pessoas em espaços públicos também pode gerar consequências sociais mais amplas. “Quando as pessoas evitam determinados lugares ou horários, a cidade perde o acúmulo de gente nos espaços de convivência”, afirma. Esse processo pode provocar um efeito em cadeia, afetando desde o comércio até as relações comunitárias. “A praça, que antes era cheia, começa a ficar vazia, o comércio ao redor perde movimento e as pessoas passam a acreditar que aquele espaço está abandonado”, diz. Segundo ele, essa dinâmica pode levar ao isolamento social e atingir principalmente grupos mais vulneráveis. “Idosos, mulheres e crianças acabam sendo os mais impactados, porque deixam de circular com a mesma liberdade”, conclui.

Reforço na vigilância

Diante desse cenário, o Governo do Distrito Federal (GDF) tem apostado em uma série de ações para reforçar a segurança e melhorar a percepção da população. Entre as principais iniciativas estão a modernização da iluminação pública, reforço do efetivo e modernização para o combate aos crimes.

Em parceria com a Companhia Energética de Brasília Iluminação Pública e Serviços (CEB IPes), foi concluída a moderniza-

ção da iluminação pública do DF e, agora, todos os postes já instalados contam com 100% de tecnologia LED. Ao todo, foram substituídas 325 mil lâmpadas. Ontem, o governador Ibaneis Rocha (MDB) acompanhou a entrega final do projeto e anunciou a expansão da iniciativa, com a instalação de novos postes em 18 regiões administrativas, já com as lâmpadas do novo modelo. Além de mais eficientes e sustentáveis, as novas luminárias oferecem luz branca e mais uniforme, o que amplia a visibilidade em vias, praças e áreas de circulação, especialmente no período noturno, reduzindo pontos de sombra e contribuindo para a sensação de segurança.

Na área da segurança pública, o GDF tem reforçado o efetivo das corporações como parte da estratégia de ampliar a presença do Estado nas ruas. Ao todo, foram nomeados, em dezembro de 2025, 2.158 novos profissionais, entre policiais militares, agentes da Polícia Civil, bombeiros e policiais penais. A medida amplia a capacidade operacional das forças de segurança e fortalece o atendimento à população.

O investimento também inclui o uso intensivo de tecnologia para prevenção e combate ao crime. Com o lançamento da plataforma DF 360, o GDF passou a integrar câmeras públicas e privadas ao sistema da Secretaria de Segurança Pública, ampliando significativamente a capacidade de monitoramento no DF. A plataforma reúne ferramentas como reconhecimento facial, leitura automática de placas, monitoramento por drones e geolocalização de chamadas de emergência, o que permite uma atuação mais rápida e estratégica das forças de segurança.